

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

9 - 2025

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 9 - 2025

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Elisa Sousa

Cristina Gameiro

Francisco B. Gomes

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO

André Pereira

PAGINAÇÃO

TVM Designers

CAPA

Estela de Villafranca de los Barros.

Desenho de Pablo Paniego Díaz

<https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

Dezembro de 2025

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons
(licença CC/BY/NC/ND 4.0).

Copyright ©Revista Ophiussa 2025

EDIÇÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia

da Universidade de Lisboa,

Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 Lisboa.

www.uniaraq.net<https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>uniaraq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990
foi opção de cada autor.Esta publicação é financiada por fundos nacionais
através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia,
I.P., no âmbito do projecto UID/00698/2025
(<https://doi.org/10.54499/UID/00698/2025>) - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ÍNDICE

Origins of raw milk consumption in the Iberian Peninsula and Portuguese territory: archaeogenetics and zooarchaeology GONÇALO GARCEZ FERNANDES, MARIA JOÃO VALENTE, HUGO RAFAEL OLIVEIRA, MARIA JOÃO FERNANDES MARTINS	5
A estátua-menir 3 da Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) ANDRÉ TOMÁS SANTOS, SÍLVIA LOUREIRO MENDES, DIOGO OLIVEIRA, DOMINGOS J. CRUZ	25
La estela de Villafranca de los Barros y su contexto en la arqueología de Tierra de Barros PABLO PANIEGO DÍAZ, LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, MARIO PIÑERO FERNÁNDEZ	43
Mértola en la Edad del Hierro: investigaciones arqueológicas entre Estácio da Veiga y la actualidad (1877-2024) PEDRO ALBUQUERQUE, FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ, JOÃO FONTE	67
O sítio arqueológico de Alto do Castelo (Alpiarça). Revisão arqueológica e novas leituras não intrusivas JOÃO PIMENTA, TIAGO DO PEREIRO, JOÃO FONTE	89
El proceso de extracción de cobre en el Cerro de los Almadenes. Nuevas hipótesis y replanteamientos a través de un estudio comparativo JUAN ÁLVAREZ GARCÍA, GONZALO LOZANO OTERO, MARIANO AYARZAGÜENA SANZ	121
A cidade romana de <i>Ossonoba</i> nos inícios da nossa Era: novos dados a partir da intervenção na rua Ivens, n.º 16 FRANCISCO ROSA CORREIA, ANA MARTIN, JOÃO PEDRO BERNARDES	145
Regressar ao túmulo: a primeira campanha do Projecto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut (G 2184, Guiza, Egipto) INÊS TORRES, LUIZA OSORIO G. SILVA, GUILHERME BORGES PIRES, MAARTEN PRAET, MOHAMED YOUSSEF SEDEK, MOHAMED KHALIFA, YASSER KAMAL HEFNI	165
The Writing of Archaeological Theory ARTUR RIBEIRO	187
<i>Res Naturae</i> . Archaeology in a posthuman Anthropocene and the archaeology of nature: a preliminary attempt MARA BEATRIZ AGOSTO	201
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JOÃO PIMENTA, ANTÓNIO CARVALHO, YUNA LE QUÉRÉ, AMÍLCAR GUERRA, CARMEN RAMÍREZ CAÑAS, CRISTINA GAMEIRO)	221
Política editorial	239
Editorial policy	240

A cidade romana de *Ossonoba* nos inícios da nossa Era: novos dados a partir da intervenção na rua Ivens, n.º 16

The roman city of *Ossonoba* in the early centuries of our Era: new data from the excavation at rua Ivens, n.º 16

FRANCISCO ROSA CORREIA

Maximus Arqueologia, Lda
franciscomcorreia@gmail.com

ANA MARTINS

CHAIA-HERCULES-Universidade de Évora;
Universidad de Granada;
FCT (2021.06047.BD) / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2809-4315>
anamartins.arqueo@gmail.com

JOÃO PEDRO BERNARDES

CEAACP; Universidade do Algarve
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1086-2128>
jbernar@ualg.pt

RESUMO: Nos trabalhos arqueológicos, decorridos em 2020 em contexto de obra, no imóvel n.º 16 da Rua Ivens (Faro) foram encontrados contextos de cronologia romana cujo estudo do espólio, focado quer nas cerâmicas, quer nas faunas, nos permite acrescentar novos dados ao conhecimento da cidade romana de *Ossonoba*. A diversidade deste espólio, que se apresenta bastante homogéneo em termos cronológicos, é revelador da diversidade de contactos comerciais, assim como do cosmopolitismo da cidade nos períodos Flávio e Antonino. Datável sobretudo da segunda metade do século I até meados da centúria seguinte, apresenta-se aqui o espólio cerâmico, faunístico e outro ali exumado, revelador de uma cidade marítima bem conectada com o mundo Mediterrâneo.

PALAVRAS-CHAVE: *Ossonoba*; cidades da Lusitânia; Cerâmicas; Faunas.

ABSTRACT: During the archaeological work carried out in 2020 as part of a construction site at plot no. 16 in Rua Ivens (Faro), contexts of Roman chronology were found. The study of the materials found in these contexts, focused on both ceramics and faunas, allows us to add new data to the knowledge of the Roman city of *Ossonoba*. The diversity of this collection, which is quite homogeneous in chronological terms, shows the variety of commercial contacts as well as the cosmopolitanism of the city during the Flavian and Antonine periods.

KEYWORDS: *Ossonoba*; cities of Lusitania; Ceramics; Faunas.

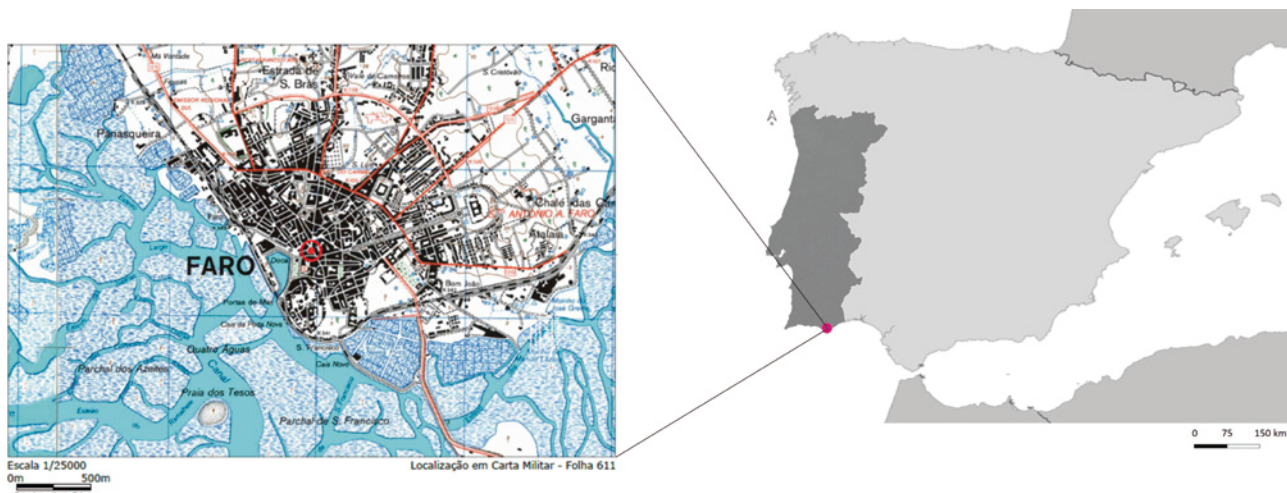


FIG. 1 Localização em carta militar do imóvel n.º 16 da Rua Ivens.

1. INTRODUÇÃO

Apesar de *Ossonoba* ser uma cidade portuária com relevância no Sul da Lusitânia, como testemunha a epigrafia (Encarnação 1984: 39-81 = IRCP 01-36), ainda pouco se sabe relativamente à sua estrutura urbana, apesar de algumas propostas recentes (Bernardes 2021; Viegas *et al.* 2022). Nos últimos anos têm ocorrido múltiplas intervenções arqueológicas, no quadro de minimização de impactes das obras de requalificação de imóveis na cidade de Faro, cujos resultados apresentam uma oportunidade para se conhecer o potencial informativo do seu subsolo, assim como para alterar o estado do conhecimento relativo à *urbs* romana. Contudo, a informação que tem vindo a ser disponibilizada ou publicada na sequência desses trabalhos arqueológicos, que refletem um desenvolvimento acelerado de obras, é ainda parca e parcial, limitando muito o alcance do conhecimento do seu subsolo. Por outro lado, o potencial que todos estes trabalhos proporcionam para o conhecimento da história evolutiva da cidade é frequentemente coartado pelo princípio da cota de afetação a que se sujeitam, permanecendo assim boas parcelas no completo obscurantismo ou muito limitadas ao esforço interpretativo do que vai surgindo aos olhos do arqueólogo.

Embora o avançar da investigação, fruto de múltiplos estudos de coleções e dados disponíveis, se faça a um ritmo desproporcional ao do registo arqueológico, mais ainda quando comparado com a velocidade com que se tem vindo a perfurar o subsolo de Faro, já é possível caracterizar vários aspetos da cidade de

Ossonoba. Dentro desses aspetos podemos destacar a topografia e organização funcional da urbe (Bernardes *et al.* 2020; Bernardes 2021; Viegas *et al.* 2022), assim como as importações cerâmicas e a economia (Viegas 2011; Martins 2019).

Para a concretização destes estudos a informação que os arqueólogos têm vindo a disponibilizar foi essencial, pois apenas desta forma se vai acrescentando mais algumas peças informativas ao enorme puzzle que é o conhecimento desta cidade romana. É neste contexto que se inserem os trabalhos de escavação arqueológica, de diagnóstico e de acompanhamento arqueológico de obra que, em 2020, a ERA-Arqueologia S.A. desenvolveu no âmbito do projeto de reabilitação no imóvel n.º 16 da Rua Ivens, em pleno coração da cidade de Faro (Fig. 1).

Os trabalhos então desenvolvidos focaram-se sobretudo na deteção de eventuais vestígios arqueológicos, na respetiva caracterização em termos de valor científico e patrimonial, bem como na proposta de eventuais medidas de minimização a aplicar em fases subsequentes, com vista a garantir a compatibilização da salvaguarda do património arqueológico identificado, com a execução dos trabalhos de construção civil previstos.

A zona onde se situa o imóvel n.º 16 da Rua Ivens terá constituído um dos primeiros núcleos urbanos extramuros, quer em época romana, quer com a expansão da área edificada de Faro que se dá a partir de meados do século XV. Toda esta área de expansão em torno da atual rua de Santo António, que se afirmou como uma das artérias comerciais e de acesso

ao centro da cidade a partir dos séculos seguintes, era geologicamente constituída por diversos níveis de praias quaternárias milazianas e tirrenianas intersectadas por pequenas linhas de água (Neves 1981).

Esta fisionomia geológica fazia com que o espaço por onde a cidade se ia expandindo assumisse uma configuração entrecortada por várias linhas de água, de que subsistem ainda hoje testemunhos na toponímia local como Pontinha, Alagoa ou outros (Paula – Paula 1993).

A escavação arqueológica realizada neste local consistiu na execução de três sondagens que permitiram uma leitura estratigráfica do subsolo sob o imóvel e a identificação de contextos arqueológicos. Na sondagem 2, assim como na sondagem 3, identificaram-se várias fossas de cronologia moderna, um poço moderno/contemporâneo e uma estrutura atual relacionada com o escoamento dos esgotos. Por sua vez, na sondagem 1 identificaram-se estruturas de cronologia moderna, medieval e romana, fossas de cronologia moderna e romana e depósitos de várias cronologias.

Os depósitos de cronologia romana preservados são o objeto de estudo neste trabalho. Revelaram uma quantidade de material arqueológico considerável e de boa qualidade, balizado sobretudo entre a metade do século I d.C. e meados do seguinte, acrescentando algo mais ao conhecimento da cidade romana de *Ossonoba*.

2. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se em duas fases distintas: numa primeira fase procedeu-se à implementação das medidas de minimização de impactos com a realização de três sondagens de 2 m por 2 m em áreas a afetar pela reabilitação do imóvel com maior impacte no subsolo; e numa segunda fase, procedeu-se à expansão da sondagem 1 com o propósito de identificar e avaliar a tipologia dos contextos romanos que haviam então surgido.

Implementada perpendicularmente à fachada do imóvel para a Rua Ivens, a sondagem 1 revelou uma variedade de tipologia de contextos com uma variação cronológica desde o período romano até ao período moderno/contemporâneo, tendo sido identificadas 36 unidades estratigráficas [UE's 100-135], onde destacamos pela qualidade e quantidade de material recolhido, uma fossa e um caneiro de cronologia romana (Fig. 2).

Na década de 90 do século passado, o imóvel em questão foi alvo de obras com grande afetação da sua estrutura, no solo e no subsolo, nomeadamente com a construção de grandes sapatas de pilares que destruíram contextos arqueológicos. Para além das estruturas modernas e dos depósitos arqueológicos, foram profundamente afetadas a fossa e o caneiro de cronologia romana anteriormente referidos. Uma das sapatas,



FIG. 2 Plano Final da Sondagem 1.

então construída em betão armado, incorporou uma enorme quantidade de material arqueológico, na sua maioria fragmentos de cerâmica e material de construção de cronologia romana.

As estruturas de cronologia moderna identificadas e afetadas pela construção das sapatas consistem em duas bases de parede em alvenaria constituída por pedras calcárias de média e grande dimensão prévias ao atual edifício. Foi ainda identificado um poço de cronologia medieval/moderna, com um diâmetro de 65 cm, escavado no saibro e com paredes internas compostas por pedras retangulares. Não foi possível medir a sua profundidade, pois este encontrava-se preenchido com material de época moderna. A face do poço virada para a fachada do imóvel, apresentava vestígios de que este teria sido reparado ainda em época moderna, tendo sido identificada a existência de um desmoronamento desta parte da parede do poço e uma fossa (UE 111) relacionada com a reparação da mesma. A Norte do poço, num depósito argiloso heterogéneo bastante remexido (UE 124), exumaram-se, para além de outros materiais, fragmentos cerâmicos de cronologia moderna, medieval islâmica e romana. A Oeste do poço, por cima da fossa e caneiro romanos, foram identificados dois depósitos essencialmente com as mesmas características (UE 105 e UE 106).

Na unidade 105 foram recolhidos materiais de cronologia moderna, medieval e romana, mas destacamos a unidade 106. Nesta unidade, apesar de existirem evidências de remeximento e, por consequência, os materiais poderem estar descontextualizados, à semelhança da unidade 105, o depósito contém predominantemente materiais de cronologia romana. Foram recolhidos fragmentos de cerâmica comum, de paredes finas e de terra *sigillata*, entre os quais um fragmento de terra *sigillata* sudgálica marmoreada com a forma Drag. 24/25 (Fig. 4; n.º 106), que se encontrava junto à interface da UE 106 com a UE 107.

Com base nas características cronológicas do material exumado na unidade 106, nomeadamente da terra *sigillata*, que constitui o topo do depósito do enchimento da fossa romana (UE 113), podemos avançar que esta terá sido tamponada em finais do século I d.C. ou pouco depois, sendo a sua construção, portanto, anterior a esta data. Esta estrutura, escavada no saibro (que delimita as suas paredes) foi parcialmente destruída pela sapata do imóvel. Deste modo

apenas foi possível delimitar metade do seu perímetro, da mesma forma que apenas se conseguiu registar parte de uma estrutura mural (UE 109) existente no sítio.

No decorrer dos trabalhos foram ainda identificadas mais duas fossas com enchimento de cronologia romana, uma a Oeste (UE 121) e outra a Sul (UE 130) na interface da anterior.

Os materiais exumados dos depósitos de enchimento destas fossas mais pequenas (UE 121 e 130), respetivamente os depósitos UE 119 e 126, e UE 129, contêm uma vasta tipologia de materiais de cronologia romana. Exumaram-se fragmentos de cerâmica comum, de terra *sigillata*, fragmentos de ânforas e de *dolia*, tesselas, material de construção, vidros, metais e restos faunísticos, com cronologia centrada entre a segunda metade século I e os inícios do seguinte.

Com base na baliza cronológica apresentada, podemos estimar que a fossa (UE 113) terá sido criada por volta de meados do século I e que terá sido tamponada em finais do mesmo ou inícios do século II.

A fossa (UE 113) é, provavelmente, cheia por dois depósitos, as UE 107 e 112; infelizmente, porque não foi fisicamente possível escavar a UE 112, não sabemos se existem mais depósitos até à base da fossa. No depósito 107 foi exumado um conjunto variado de materiais de cronologia romana: materiais de construção, fragmentos de ânforas, um fragmento de alfariz e cerâmicas comuns, cerâmica de paredes finas, terra *sigillata* (hispânica e sudgálica), fragmentos de lucernas, vidros, metais, utensílio em osso e materiais faunísticos. Com base no material cerâmico recolhido podemos avançar que esta UE corresponderá à segunda metade do século I d.C. o que concorda com a data avançada para o tamponamento da fossa em finais desse mesmo século ou inícios do seguinte.

Durante a segunda fase de escavação da sondagem 1, deparámo-nos com uma cloaca de cronologia romana, sendo que uma das paredes laterais (UE 117) desta se sobrepõe à estrutura da fossa (UE 113), o que aponta para que tenha sido construída posteriormente à formação e enchimento da fossa (Fig. 3).

A cloaca é composta por duas paredes laterais (UE 117 e 118), compostas por pedras de média dimensão de formato retangular, de talhe em bruto, com revestimento em argamassa de areia (fig.3). A dimensão varia entre os 30 - 24 cm de largura e

30 - 27 cm de altura. A base (UE 125) é construída com o reaproveitamento de tégulas. Cada tégula tem as dimensões de 60 cm de comprimento, 50 cm de largura e 3 cm de altura (ao centro). Assentam num preparado de argamassa de areia (UE 128) depositado, aquando da construção da cloaca, num interface escavado no saibro (UE 135) para acomodação e colocação da referida conduta.

Uma das tégulas que compunha a base do caneiro encontrava-se quebrada *in situ*, tendo-se acumulado um depósito argiloarenoso de colorações cinzentas e esverdeadas (UE 127) por entre as ranhuras dos fragmentos de tégula e por debaixo dos mesmos. O estalar da tégula e a acumulação do depósito terá acontecido ainda durante a utilização da cloaca, o que terá permitido a acumulação, por entre as ranhuras e por baixo, de bastantes fragmentos de pequena dimensão de cerâmica comum, dezenas de pequenos fragmentos de cerâmica de paredes finas, *terra sigillata*, fragmentos de lucerna, vidros e um dado em osso. Com base no material exumado, o presente depósito parece



FIG. 3 Vista do interior da cloaca.

estar balizado entre os finais do século I d.C., até à metade do século II d.C. Este balizamento do depósito indica um *terminus post quem* para a construção da cloaca, uma vez que se formou durante a sua utilização em período romano; indica por outro lado que a fragmentação da tégula terá ocorrido nos primeiros anos da sua utilização.

A cloaca encontrava-se preenchida com dois depósitos distintos. Sobre a sua base, composta pelas tégulas, escavou-se um depósito de coloração preta e humoso com bolsas de areia castanha (UE 123), contendo fragmentos de ânforas, cerâmica comum, um alfinete em osso e material faunístico. Sobre este encontrava-se um depósito argiloarenoso de coloração preta (UE 120) contendo fragmentos de ânforas, cerâmica comum, *terra sigillata* e vidros. O leque de material recolhido no preenchimento desta estrutura, especialmente a diversidade de tipologias de ânforas, revelam-nos que o depósito se formou entre os inícios do seu funcionamento, em finais do século I ou inícios do seguinte, até, pelo menos, meados do século III d.C., data em que terá ficado totalmente tamponada pelo depósito UE 120.

3. RESULTADOS

O conjunto dos materiais é diversificado e com um arco cronológico relativamente homogéneo que vai de meados do século I à primeira metade do II, ainda que haja alguns, poucos, materiais posteriores a esta época relacionados com UEs de características diferentes. Interessantes são as UEs 106 e, particularmente, a 107, correspondente a um depósito do enchimento da fossa (UE 113), que ofereceu um assinalável conjunto de cerâmicas finas e de cerâmica comum, entre outros materiais, da segunda metade do século I. Apresentam-se os materiais mais significativos deste e de outros contextos estratigráficos.

3.1. Materiais cerâmicos

3.1.1. A *terra sigillata*

O conjunto de *terra sigillata* exumado na intervenção da Rua Ivens n.º 16 é composto por um total de 32 fragmentos (23 NMI – Número Mínimo de Indivíduos). Embora se trate de um conjunto reduzido que não apresenta uma grande diversidade tipológica, foi-nos

possível identificar várias categorias: itálica, sudgálica, hispânica, africana A, africana D e Luzente (Fig. 4).

O único fragmento de *terra sigillata* itálica pertencente a este grupo é um fundo de taça (24/119), cuja forma não foi possível determinar, e com a única marca de oleiro existente no conjunto. Esta marca, *in planta pedis*, pode ser atribuída ao oleiro aretino C. Clo(dius) Sabi(nus) (OCK 589.2), datada da segunda metade do século I d.C., oleiro este sem paralelo conhecido em *Ossonoba*. O fragmento apresenta pasta depurada e dura, de cor branca rosada (5YR/8/4) e engobe vermelho (2.5YR/4/8), espesso, aderente e brilhante.

A *terra sigillata* sudgálica é uma das categorias que se encontram representadas em maior número, detendo 39% do NMI contabilizado no conjunto de TS. Este grupo é composto por 15 fragmentos (nove NMI), onde podemos identificar algumas das formas mais comuns produzidas no Sul da Gália, como três fragmentos de tigelas Dragendorff 24/25, dois de tigelas Drag. 27, um de taça Drag. 30 e dois de taças Drag. 37. Relativamente às Drag. 24/25, a inclinação dos bordos dos n.ºs 10/101 e 12/106 sugere que se enquadrem nas subcategorias B ou C, datadas entre 40 d.C. e 70 e entre 70 e 120 (Passelac - Vernhet 1993: 572; Polak 2000: 118), respetivamente, sem a possibilidade de compreender em qual das duas se integram, devido à reduzida altura conservada dos fragmentos. É também importante destacar o fragmento 12/106, pois é a única peça marmoreada desta coleção. No grupo das Drag. 27 foi possível reconhecer a variante da n.º 34/127 como sendo a variante C, balizada cronologicamente entre 80 d.C. e 120 (Passelac - Vernhet 1993: 573), identificável pelo seu bordo perolado. No pequeno conjunto de formas decoradas a Drag. 30 (14/107) permitiu a sua associação à variante B, com uma datação proposta entre 40 d.C. e 110 (Passelac - Vernhet 1993: 574). Quanto às Drag. 37, apenas uma (16/107) nos permite reconhecer a variante, tratando-se de uma 37 B, com datação proposta entre 100 e 150 (Passelac - Vernhet 1993: 574). Relativamente às decorações propriamente ditas, embora os bojos dos fragmentos referidos *supra* sejam de dimensões reduzidas, não deixa de ser possível notar que são decorados com linhas de óvulos com linguetas. Por sua vez, no fragmento de bojo 08/105, correspondente a um bordo de Drag. 37, é possível observar uma lingueta completa, de 3

pontas, e um cordão ondulado que separaria a linha de óvulos da restante decoração.

Foram ainda encontrados dois fragmentos de bojo decorados, cujas formas foram impossíveis de determinar, apresentando um destes (33/127) um ornato vegetal (*rinceau*) e o outro (32/127) a representação de um animal (leão?) que poderá ter sido reutilizado como marca de jogo. Os fragmentos de TSSG tinham pastas bastante depuradas de cor vermelha (10R/5/6; 10R/5/8; 2.5YR/5/6) e os engobes, de boa qualidade, também vermelhos (10R/4/8; 2.5YR/4/6), com exceção para a já referida 12/106, de engobe marmoreado amarelo avermelhado (7.5YR/6/6).

Analisando o panorama até então conhecido para a Cidade de *Ossonoba*, é-nos possível apontar que as formas identificadas na Rua Ivens n.º 16 têm já paralelos em outros pontos da cidade, como no Museu Municipal de Faro, no sítio do mosaico do Oceano (Viegas 2011: 138), e na Rua Infante D. Henrique n.º 58-60 (Martins 2019: 31-73), sendo que nestes sítios correspondem a algumas das formas com maior NMI. Também na Fábrica da Cerveja foi encontrada uma Drag. 37 (Paulo 1999/2000: 32).

A *terra sigillata* hispânica, a par da sudgálica, é das categorias com o maior NMI contabilizado, tendo este também um total de nove indivíduos (39% do conjunto de TS) e 11 fragmentos. Dentro desta categoria foi-nos possível distinguir as Formas Hispânicas 24/25, 27 e a decorada 37. Do ponto de vista formal, pode notar-se também uma grande semelhança com o grupo anteriormente descrito, sendo que as formas identificadas são todas de tradição itálica/gálica e não hispânica. A Forma 24/25 é aqui representada por apenas um fragmento de muito pequenas dimensões (2/101), sobre o qual pouco podemos dizer, além do facto de o seu bordo ser arredondado, pouco demarcado e esvasado, e de este ser dotado de decoração em guilhocé. A Forma 27 foi também identificada na Rua Ivens n.º 16, representada por dois fragmentos (n.ºs 15/107 e 18/107), ambos possíveis de integrar no grupo de época flávia definido por Macarena Bustamante Álvarez (2013: 96-97), devido ao bordo esvasado e ao pé de anel bastante acentuado. A única forma decorada do grupo hispânico é a Forma 37, tratando-se de um fragmento de bojo decorado com linha de círculos de cordão ondulado com flores no interior, divididas por dois cordões ondulados (17/107). Esta deve

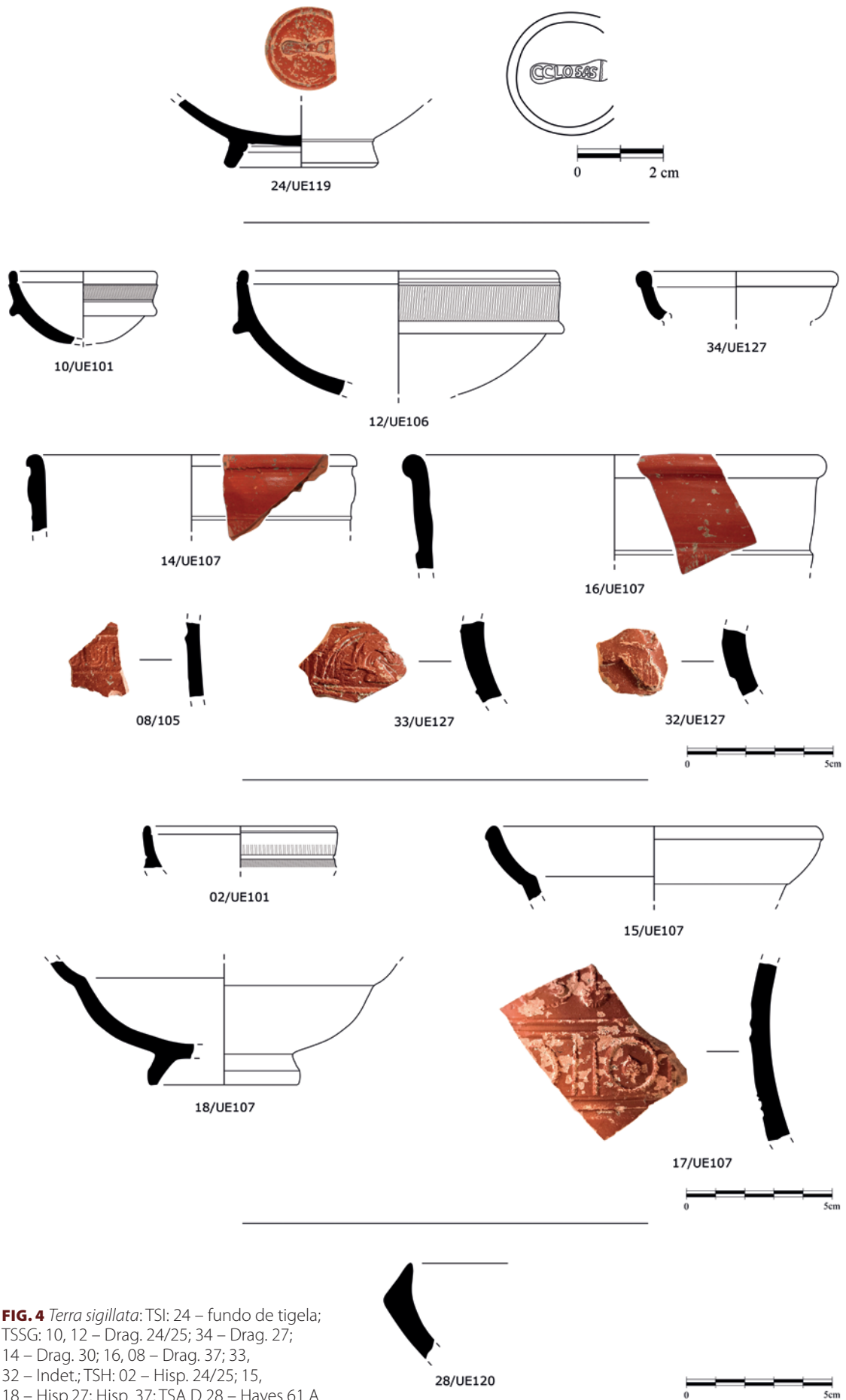


FIG. 4 *Terra sigillata*: TS: 24 – fundo de tigela; TSSG: 10, 12 – Drag. 24/25; 34 – Drag. 27; 14 – Drag. 30; 16, 08 – Drag. 37; 33, 32 – Indet.; TSH: 02 – Hisp. 24/25; 15, 18 – Hisp.27; Hisp. 37; TSA D 28 – Hayes 61 A.

corresponder à variante B, devido à morfologia que aparenta ser menos angular e mais globular, que é associada à época vespasiana até inícios do reinado de Trajano (Bustamante Álvarez 2013: 172).

No que concerne às áreas de produção, a análise macroscópica feita com recurso a lupa, levou-nos a atribuir apenas dois fragmentos à área de Andújar, sendo uma delas a já referida n.º 2, e três a Trício, sendo as restantes impossíveis de determinar. As pastas associadas a Andújar têm uma coloração vermelha escura (2.5YR5/6) e os engobes vermelhos (2.5YR4/6) baços. As pastas de Trício, por seu turno, têm pastas mais claras, de cor vermelha ou vermelho amarelado (7.5YR6/6; 2.5YR6/6) e engobes vermelhos (2.5YR4/6; 2.5YR4/8) mais brilhantes que os anteriormente apontados, mas de aspeto menos aderente.

As formas hispânicas referidas foram já identificadas noutros pontos da cidade de Faro. A Forma 27 é das formas com mais NMI em sítios como o Museu Municipal de Faro, o do mosaico do Oceano ou a Rua Infante D. Henrique n.º 58-60 (Viegas 2011: 154; Martins 2019: 74-80). Já a Forma 24/25 tem paralelo no último sítio apontado (Martins 2019: 77).

Seguem-se depois as importações africanas, representadas por apenas três fragmentos (2 NMI) enquadrados nas categorias TSA A e TSA D, com unicamente um indivíduo cada uma. O fragmento de TSA A, não dado à estampa, poderá corresponder a uma Hayes 5, datada por Hayes (1972: 29) entre o período flávio e metade do século II, contudo a pouca percentagem conservada desta peça não nos permite identificar a forma com maior clareza. Este fragmento apresenta pasta depurada e dura, de cor vermelha alaranjada (2.5YR5/8) e engobe também vermelho alaranjado (2.5YR5/8), aderente e brilhante. Quanto à forma de TSA D, encontrada no depósito sobre o caneiro (28/120), trata-se de uma Hayes 61 A, datada por Hayes (1972: 107) entre 325 d.C. e 400/420. Esta é dotada de pasta de cor vermelha alaranjada (10R/6/6) e engobe vermelho alaranjado (10R/5/8), espesso e pouco brilhante.

Em termos de paralelos para as formas africanas aqui referidas, a Hayes 5 tem um possível paralelo no sítio do mosaico do Oceano (Viegas 2011: 158). Por sua vez, a Hayes 61 A, sendo uma forma comumente assinalada dentro dos conjuntos de TSA D, tem paralelos no Museu Municipal de Faro, no sítio do mosaico do

Oceano (Viegas 2011: 158), na Rua Infante D. Henrique n.º 58-60 (Martins 2019: 91-92), na Horta da Misericórdia (Fernandes 2018: 96-97) e na Fábrica da Cerveja (Paulo 1999/2000: 36).

Relativamente às produções tardias do Sul da Gália, no sítio estudado foi encontrada apenas um fragmento de forma indeterminada de *terra sigillata* luzente. Este apresenta uma pasta de coloração amarela rosada (5YR7/6), muito depurada, e engobe vermelho acastanhado (2.5YR4/6) brilhante.

Ao analisar crono-tipologicamente o conjunto formal acima referido, é-nos possível notar que a maior concentração de formas se encontra datada entre a segunda metade do século I d.C. e inícios do II. Já a presença de fragmentos de categorias tardias é bastante limitada, existindo apenas uma forma de Hayes 61 A e de terra sigillata luzente, correspondentes a deposições secundárias de contextos revolidos.

Embora o número de fragmentos de *terra sigillata* por unidade seja relativamente reduzido, houve a possibilidade de chegar a algumas conclusões: tal como verificado pela análise crono-tipológica, a datação das UE's dos materiais aqui apresentados encontra-se maioritariamente balizada entre a segunda metade do século I d.C. e inícios do II. A exceção será a UE 120, onde se encontrou a forma mais tardia do conjunto, e única da camada em questão, uma Hayes 61 A, assim como a UE 101 onde se identificou o único fragmento de *terra sigillata* luzente, embora sem forma, juntamente com uma hispânica 24/25. Estas formas tardias corresponderão a intrusões.

Quanto às UE's mais antigas, aquela onde foi encontrado um maior número de fragmentos (um total de 9) foi a 107. A TS aqui exumada é maioritariamente sudgálica, com as formas 24/25, 30B e 37B, seguida pela forma 27 hispânica e a possível africana A Hayes 5. A esta UE segue-se a 127, onde apenas encontramos TSSG, embora só um dos fragmentos tivesse forma, a Drag. 27. Com 3 fragmentos cada seguem-se as unidades 119 e 127, sendo que na primeira foi encontrado o único fragmento de TSI. E, por fim, a 106 e a 129 com apenas um fragmento de Drag. 24/25 sudgálica cada..

3.1.2. As lucernas

O conjunto lychnológico encontrado na Rua Ivens n.º 16 é composto por um total de quatro indivíduos, sendo, portanto, muito pouco representativo. Estes

fragmentos de lucernas são todos provenientes de unidades estratiográficas distintas.

Esta amostra, embora muito reduzida, é composta por importações maioritariamente provenientes da bética, província cujos produtos deste género dominavam os mercados da região (Martins – Pereira 2022: 150). Os fragmentos associados a esta produção são três. Um deles, encontrado na UE 119, apenas conserva uma pequena parte da orla e do disco (27/119), sendo uma possível forma da série de disco Loeschcke VIII/Bussièrre form D II1. O segundo fragmento deste grupo (23/107), proveniente da UE 107, corresponde a parte de um depósito e à base, na qual se pode ver a marca I.F.M e com uma contramarca onde é possível observar dois traços na horizontal limitados, à direita, por um outro disposto verticalmente – semelhante à marca de relevo 317 identificada por Deneauve (Pl. XI). Relativamente à marca, foi identificada, também em *Ossonoba*, uma muito semelhante, também ela com uma abreviatura em três letras (FFM), sobre a qual pouco se sabe, apenas que “corresponde a uma marca inédita até ao momento, e, tratando-se de uma produção bética costeira, talvez a sua produção aí se tenha localizado” (Pereira 2012: 132). Dadas as semelhanças destas duas peças, e o facto de serem ambas de produção bética, podemos propor que se trate da mesma marca, uma vez que a publicada em 2012 não permitia uma tão boa leitura, podendo o primeiro “F” então apresentado corresponder antes a um “I”. O terceiro e último fragmento desta produção foi exumado na UE 105 e corresponde a parte de uma asa, não tendo sido dado à estampa. Este conjunto apresenta pastas de cor amarela muito clara (2.5YR/8/3) e engobes, muito danificados, de cor castanha escura (10YR/4/4).

Por sua vez, o único fragmento que apresenta um fabrico diferente, foi encontrado na UE 127, e é parte de um disco com a representação de “Diana caçadora” (23/107). Esta divindade está aqui representada de perfil, envergando uma túnica e com um dos braços esticados a segurar um arco. A imagem não se encontra completa, mas é provável que o outro braço se encontrasse na direção das costas, de forma a retirar uma flecha da sua aljava, como se pode ver em alguns paralelos encontrados em Mérida (González Blas 2022: 274-275; Rodríguez Martín 2002: 303, n.ºs 36 a 39). Embora esta peça se encontrasse já sem engobe, a

pastas apresenta uma cor rosa clara (5YR/8/4) e atribuímos o seu fabrico às produções emeritenses.

3.1.3. Cerâmica comum e ânforas

As cerâmicas comuns aqui apresentadas são todas oriundas do enchimento da fossa 107 que terá sido formada por volta de meados do século I e tamponada em finais do mesmo século (Fig. 6). Dali será ainda oriundo o fragmento de ânfora mais significativo do conjunto e que corresponde a uma asa com marca de oleiro pouco comum. Assim, podemos afirmar que este conjunto se enquadra na segunda metade do século I de acordo com o perfil cronológico que nos é dado pela *terra sigillata* e outros elementos cerâmicos associados, de que são exemplo um almofariz centro itálico e a tal marca de oleiro em asa de ânfora vinária bética.

Este pequeno repertório cerâmico é composto ainda por um potinho de pasta ferruginosa, eventualmente de origem local, uma caçoila de bordo



FIG. 5 Lucernas: de produção bética: 27 – possível Loeschcke VIII/Bussièrre form D II1; 23 – base com marca; de produção emeritense: 37 – disco com representação de “Diana caçadora”.

escalonado e dois potes e um jarro béticos. Todas estas formas são relativamente correntes nos contextos alto-imperiais do Sudoeste peninsular e do Algarve, conforme se tem vindo a verificar em publicações relativamente recentes, enquadrando-se, de resto, no perfil que tem sido apontado para as cerâmicas comuns alto-imperiais de *Ossonoba* e *Balsa* (Viegas 2011), mas também de outros contextos algarvios (Fernández Fernández *et al.* 2019) onde predominam largamente os exemplares oriundos da província vizinha.

A primeira peça apresentada em cerâmica comum (1006/107) é um potinho, de produção local ou regional, de bordo oblíquo, alongado, ligeiramente espessado (\emptyset 6,6 cm) e de pança ovóide. Teria uma função similar à das paredes finas, onde poderá inspirar-se, pelo que pode também ser designado por copo. É muito comum em todo o território português e particularmente no Sul, estando bem documentado em S. Cucufate (Pinto 2003: 397 e segs.) e em *Balsa*. Do ponto de vista formal, o nosso exemplar é similar à variante 2.4.2. de produção local de Monte Molião (Arruda *et al.* 2010: 300, Fig. 20), embora com cozedura oxidante e tem paralelo ao pote pequeno CR-100 de *Balsa* (Nolen 1994: 141, Est. 30).

O prato ou caçoila 2366, de bordo escalonado e de parede arqueada, é muito comum no território algarvio e na província vizinha da Bética onde ocorre com grande frequência no século I d.C. Com um diâmetro de 30 cms, é corrente em vários sítios algarvios, como seja em *Balsa* (Torre d'Aires) *Ossonoba* ou Monte Molião (Viegas 2012: 686-687, Figs. 6 e 7).

Das peças béticas o jarro 2455 de bordo esvasado, levemente espessado (\emptyset 7,2 cm), de corpo ovoide com colo indiferenciado, tem paralelo em S. Cucufate (Pinto 2006: 176, Fig. 4.45) e está bastante presente em Puente Melchor e ainda em *Balsa* (Nolen 1994: CR-39), correspondendo ao tipo 43. 1 de Vegas (1973: 100-103, fig. 35). Os seus diâmetros oscilam normalmente entre os 4 e os 10 cm e uma altura que se situa entre os 14 e os 25 cm. Estas peças possuem normalmente uma asa de secção aplanada com canelura central ou engrossada, apresentando alguns exemplares um apêndice no início da asa e sobre o bordo. São frequentes em contextos dos séculos I e II d.C. (Girón Anguiozar 2017: 218, fig. 191).

A peça 216/134/UE107, com um diâmetro de 14,4 cm, deverá corresponder a um pote não culinário,

de bordo arqueado e extrovertido, semelhante ao que se encontra em S. Cucufate (Pinto 2006: 176, Fig. 3.39). Este tipo de pote é comum no Sudoeste peninsular, parecendo inspirar-se em formas similares de perfil em S da tradição regional.

Outro pote, menos frequente, é o n.º 135, que aparece em S. Cucufate, sendo considerado uma forma rara (Pinto 2006: 174, fig. 3.33). Esta peça da *villa* alentejana, é, todavia, associada a um horizonte cronológico de meados do século V e possui um diâmetro de 11 cm, claramente inferior aos 31,6 da nossa peça. Tem boca larga com bordo extrovertido, escalonado, com uma asa. Esta mesma forma, com a mesma dimensão do bocal e igualmente de produção bética, já aparecera em Faro na rua Francisco Barreto n.º 32 (Barbosa 2021: 49, Estampa XII, n.º 31) e em *Balsa* (Pinto - Morais 2007, Fig. 13) em contextos alto imperiais.

O n.º 2381 é outro pote de boca larga e bordo esvasado, lábio introvertido e com duas asas da mesma forma do que os descritos por Inês Vaz Pinto para S. Cucufate (Pinto 2006: 176, fig. 3.37e 38) e que têm igualmente exemplares em Torre de Ares (Nolen 1994: 135, est. 26, cr-3 e cr-4).

Finalmente, o almofariz (972/107) desta mesma UE 107 é um fragmento de bordo com o bico vertedor característico do tipo Dramont 2D originário da Itália central (Cap Dramont) e que já nos é conhecido em *Balsa*, Faro, ou Loulé-Velho, este último com marca (Viegas 2020: 134, Fig. 6; Viegas 2017:383).

Relativamente às ânforas, existem alguns pequenos fragmentos de Beltran II b e Dressel 20, correspondendo a importações béticas associadas aos contextos alto-imperiais e ainda algumas mais tardias, como o caso das Almagro 51C, sobretudo lusitanas. A maior parte do conjunto surge, porém, muito fragmentado e, a título ilustrativo, apenas se apresentam os mais expressivos: um fragmento de bordo e asa de Dressel 20 e uma asa de ânfora Dressel 28 com marca que parece corresponder a um oleiro hispaliense (Correia – Bernardes no prelo) (Fig. 7). Nos últimos anos esta forma associada à importação de vinho entre meados do século I e meados do seguinte tem vindo a ser identificada no Algarve, como é o caso de *Balsa* (Viegas 2011: 360-361, n.º 804) ou Lagos (Fernández Fernández *et al.* 2019: 190, fig. 8), embora de forma pouco expressiva. Encontram-se bem documentadas na *figlina* do antigo Hospital de las Cinco Llagas, de Sevilla

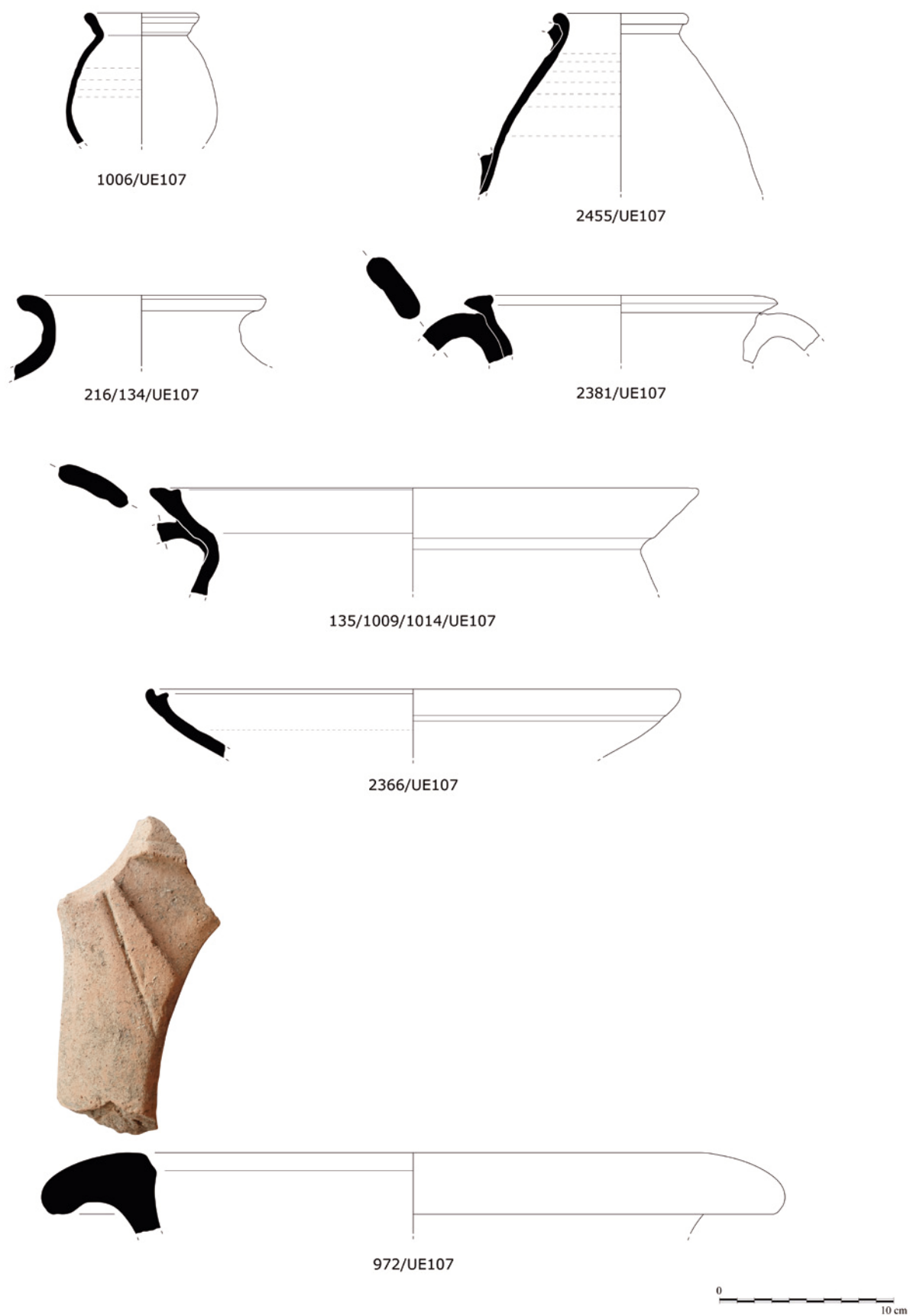


FIG. 6 Cerâmica comum: de produção local/regional: 1006 – potinho; 216, 135, 2381 – pote; 2366 – prato ou caçoila; de produção bética: 2455 – jarro; de produção itálica: 972 – almofariz.



FIG. 7 Ânforas: 1384 – Dressel 20; 3 2680 – Dressel 28.

(atual Parlamento da Andaluzia) e entre as cargas dos naufrágios de navios béticos de Port-Vendres II e Sud-Lavezzi 2 (García Vargas 2003). Pelas características da pasta e pelos sulcos bem vincados no corpo da asa, o exemplar de Faro inscreve-se nos fabricos de *Hispalis* enquadrável na II metade do Século I d.C. A particularidade deste fragmento é apresentar *in radice ansae* a marca RVCALPF, com o A + L + P em nexa, tal com o único exemplar com esta marca até agora conhecido identificado em Nida- Hedderheim no *limes* germânico (Ehmig 2007: T. 43.2320; CEIPAC 27669). Também a Dressel 20, recolhida na UE 101, pelas características que apresenta ao nível do bordo, a tender para o triangular, é enquadrável na época flávio-trajânica, (Berni 2008: 60 e 61).

3.2. Um dado romano viciado?

Dos contextos identificados do decorrer dos trabalhos arqueológicos, destacamos no presente ponto o contexto da cloaca. Uma das tégulas, que compunham a sua base, encontrava-se quebrada *in situ*, tendo-se acumulado um depósito por entre as ranhuras dos seus fragmentos e por debaixo dela. É precisamente

neste depósito que, além de uma quantidade considerável de pequenos fragmentos de cerâmica em terra *sigillata*, paredes finas e tesselas, surge a identificação de um dado em osso pouco ortodoxo, cujo estudo está em curso de publicação.

Trata-se de uma peça claramente de cronologia romana, tendo em conta o respetivo contexto estratigráfico e características morfológicas. Observando um pouco mais detalhadamente a peça (Fig. 8), o aspeto mais evidente é o facto de as respetivas dimensões não serem regulares. Possui uma dimensão de 12×7 mm, com uma morfologia de prisma retangular e não de cubo, como seria normal num dado de jogo. O material empregue no seu fabrico é osso e apresenta um nítido acabamento delicado com as faces polidas, facto que também se pode dever à patine criada ao longo do tempo. No entanto, a delicadeza colocada no boleamento das esquinas sublinha o cuidado do acabamento da peça.

Não obstante os pontos de cada uma das faces, que se apresentam em duplos círculos concêntricos, se encontrarem especialmente bem marcados, eles não estão alinhados, o que é nítido, por exemplo, na face com os 3 pontos e, igualmente, na face com os 5 pontos. Nesta última, por exemplo, ocorreu um erro na gravação do ponto central, encontrando-se um círculo a mais do que nas restantes que se apresenta descentrado.

Uma observação cuidada da peça revela-nos que podemos estar perante um dado viciado. Na face que apenas apresenta 1 ponto, coincidente com um dos lados menores do dado (de formato mais retangular e menos quadrado), observa-se que a marcação está totalmente descentrada, estando posicionada quase junto ao limite da face. Este facto poderá inscrever-se no fenómeno dos dados viciados, que foi muito habitual em época romana. Com efeito, quer a morfologia dos dados quer a localização dos pontos na respetiva superfície, poderia concorrer para “auxiliar” a sorte do jogador. O facto de a superfície que ostenta menor número de pontos ser uma das faces menores poderá corroborar esta interpretação (Daniaux 2022; Penn - Courts 2022).

Os paralelos a apresentar com estas características não são em elevado número. O dado que aqui se apresenta constitui um dos exemplares mais bem conservados, oferecendo proximidade com algumas peças de museus nacionais. Aponte-se o caso dos dados



FIG. 8 O dado recolhido em intervenção arqueológica realizada na rua Ivens em Faro (Era Arqueologia). Fotografias de Bruno Filipe Pires.

de Lisboa (Fernandes 2013) ou de Conimbriga (Ponte 1986), assim como de outros locais, como os exemplares expostos no Museo Nacional de Arte Romano, em Mérida (Sabio González 2017: 48-49). O exemplar de Faro, no entanto, destaca-se pela dimensão, acabamento e morfologia.

Além das considerações já formuladas, é de referir que a morfologia dos pontos, com dois círculos concêntricos, é resultante do trabalho a trépano, um instrumento de larga utilização em época romana e que muitas peças apresentam, como ocorre nos dados de osso de cronologia romana encontrados na Casa dos Bicos, em Lisboa, na intervenção arqueológica que aí teve lugar na década de 1980 (Fernandes 2013). Espera-se ainda que um estudo mais aprofundado, no futuro próximo, possa contribuir para melhor conhecer as características deste elemento de jogo agora apenas apresentado.

3.3. As Faunas

O estudo das faunas oferece uma visão holística da vida quotidiana, complementando a análise ceramológica e revelando aspetos dos hábitos alimentares, bem como das práticas económicas e culturais. No caso do conjunto faunístico exumado na intervenção da Rua Ivens, foi contabilizado um total de 112 restos vertebrados e 154 restos invertebrados, recolhidos das mesmas unidades que o espólio cerâmico apresentado. A taxa de determinação taxonómica é bastante elevada, na ordem dos 71.05%, revelando a boa

preservação dos restos faunísticos que possibilitou a distinção de várias espécies.

A listagem taxonómica é considerada diversificada, composta por mamíferos, peixes, aves e malacofauna, tendo sido identificadas 18 espécies (Tabelas 1 e 2). No entanto, em casos específicos, espécies muito próximas do ponto de vista morfológico podem apresentar dúvidas, como ocorre entre suínos/javalis e ovinos/caprinos. Os primeiros foram classificados genericamente como *Sus* sp. e os segundos foram classificados como *Ovis/Capra*.

As identificações foram realizadas com recurso a obras gerais, como as de Barone (2010), Saldanha (1997), Cohen e Serjeantson (1996), France (2009) e de Schmid (1992). Por sua vez, o material que não foi possível identificar taxonomicamente foi classificado segundo as categorias de tamanho (Correia 2015a): Animal de Grande Porte onde se poderão incluir mamíferos como veado, equídeos e bovinos; Animal de Médio Porte, onde se incluem caprinos e suínos; Animal de Pequeno Porte onde constam pequenos carnívoros e leporídeos e, por último, indeterminado, fragmentos que não foi possível classificar taxonomicamente nem por categoria de tamanho.

3.3.1. Representação faunística

Conforme se poderá observar nas tabelas 1 e 2, existe uma grande representação de restos de porco/javali, em comparação com as restantes espécies, perfazendo mais de 40% da totalidade das espécies de

TABELA 1 Lista de espécies identificadas em contextos Romanos (UE's 106, 107 e 119)

ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 106)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
APP	1	33,33	—
AMP	2	66,66	—
Mamíferos	3	100	—
<i>Hexaplex trunculus</i>	1	20	1
<i>Ostrea edulis</i>	2	40	2
<i>Ruditapes decussata</i>	2	40	1
Malacologia	5	100	4

ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 107)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
<i>Bos taurus</i>	2	4,55	1
<i>Sus</i> sp.	14	31,82	2
<i>Ovis/Capra</i>	1	2,27	1
<i>Leporidae</i>	2	4,55	1
AGP	1	2,27	—
AMP	23	52,27	—
APP	1	2,27	—
Mamíferos	44	100	5
<i>Gallus gallus</i>	1	33,33	1
<i>Anas</i> sp.	2	66,66	1
Aves	3	100	2
Indeterminado	2	100	—
Peixe	2	100	—
<i>Anomia ephippium</i>	2	2	1
<i>Bolinus brandaris</i>	2	2	2
<i>cerastoderna edule</i>	1	1	1
<i>Glycimeris bimaculata</i>	2	2	2
<i>Hexaplex trunculus</i>	4	4	4
<i>Ostrea edulis</i>	61	61	35
<i>Ruditapes decussata</i>	22	22	12
Indeterminado	6	6	—
Malacofauna	100	100	57

ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 119)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
AMP	4	100	—
Mamíferos	4	100	—
<i>Ostrea edulis</i>	1	50	1
<i>Ruditapes decussata</i>	1	50	1
Malacofauna	2	100	2

TABELA 2 LISTA DE ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTOS ROMANOS (UE'S 120, 123 E 127)

ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 120)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
<i>Canis familiaris</i>	8	15,38	1
<i>Cervus elaphus</i>	2	3,84	1
<i>Equus sp.</i>	1	1,92	1
<i>Sus sp.</i>	2	3,84	1
<i>Ovis/Capra</i>	5	9,62	2
AGP	2	3,84	—
AMP	29	55,79	—
Indeterminado	3	5,77	—
Mamíferos	52	100	6
<i>Conus mediterraneus</i>	1	3,33	1
<i>Ostrea edulis</i>	28	93,33	20
<i>Ruditapes decussata</i>	1	3,33	1
Malacologia	30	100	22
ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 123)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
<i>Sus sp.</i>	1	25	1
AMP	2	50	—
Indeterminado	1	25	—
Mamalogia	4	100	1
<i>Ostrea edulis</i>	14	100	9
Malacologia	14	100	9
ESPÉCIES IDENTIFICADAS EM CONTEXTO ROMANO (UE 127)			
Táxon/Grupo	N.º	%	MNI
<i>Hexaplex trunculus</i>	1	33,33	1
<i>Pecten maximus</i>	2	66,66	2
Malacologia	3	100	3

vertebrados identificados. Acima dos 10% encontram-se representados ovelha/cabra e *Canis familiaris* (Cão), sendo que neste último caso corresponderá tudo ao mesmo indivíduo. Abaixo dos 10% encontram-se os animais de maior porte: Bovinos, *Cervus elaphus* (Veado) e equídeo, e os animais de menor porte, nomeadamente leporídeos, *Gallus gallus domesticus* (Galo/Galinha) e *Anas sp.* (Pato).

Avaliando a totalidade da coleção dos vertebrados, verifica-se que a maioria dos elementos se reportam a fragmentos de elementos distais e proximais do esqueleto apendicular (fémur, úmero, rádio, tibia

e ulna) que correspondem na sua maioria a porco/javali, a ovelha/cabra e a bovinos. Os porco/javali, além da sua representação através de elementos do esqueleto apendicular, estão ainda representados por fragmentos de mandíbula e maxilar com inclusão de dentes. Além destes, foram exumados dois restos de peixe, embora não tenha sido possível identificar a espécie.

A atividade da caça encontra-se bem evidente na coleção, com a representação de veado. Claramente que não seria o único animal a ser caçado, uma vez que na coleção encontram-se ainda restos de porco/

javali e leporídeos, não tendo sido possível determinar se seriam espécies domésticas ou selvagens.

Todos os elementos identificados de cão, pertencem ao mesmo indivíduo, nomeadamente um cão jovem/adulto de porte médio/pequeno. Realçamos o facto de se ter identificado marcas de puncturas de dentes na parte distal do fémur e a pélvis encontrar-se parcialmente roída. Com base nas marcas identificadas podemos admitir, com algumas reservas, que estas foram causadas por outro canídeo, levantando a hipótese de estarmos perante uma ação de canibalismo.

Relativamente aos restos de malacofauna, existe uma representação maioritária de restos de *Ostrea edulis* (Ostra), perfazendo mais de 70% da representação de malacofauna da coleção. A segunda espécie com maior representação é a *Ruditapes decussata* (Amêijoia), perto de 20%. Destacamos ainda a presença de *Hexalex trunculus* (Búzio), sendo a terceira espécie com maior representatividade. As restantes espécies têm uma representação residual na coleção.

As marcas antrópicas resumem-se às marcas de corte e de manipulação térmica que incidem sobre um total de 20 restos, o que constitui cerca de 7,52% da amostra, sendo que 8 restos carbonizados apresentam coloração negra escura, compatível com submissão térmica entre os 250° C e os 550° C (Nicholson 1993).

Relativamente à interpretação dos resultados faunísticos, podemos verificar que a dieta alimentar desta comunidade romana era constituída, na sua maioria, por mamíferos domésticos. A atividade da pesca e cinegética também terão sido uma fonte importante dos recursos alimentares, atestada pela localização estratégica da cidade, junto à costa e com a serra a Norte.

Com este estudo torna-se possível apontar que a coleção faunística é genericamente semelhante a outras coleções provenientes de sítios arqueológicos de cronologia romana da região do Algarve, como verificado nos casos de Monte Molião (Detry – Arruda 2013), Vila Velha de Alvor (Grelha 2013), Cerro da Vila e Milreu (Teichner 2008; Pratas 2023; Henriques – Pratas 2025), Quinta de Marim (Antunes – Mourer-Chauviré 1992), Alcaria das Choças (Fernandes – Correia 2015) e Castro Marim (Davis 2007). Nestes estudos é possível notar que a dieta da comunidade romana do Algarve era predominantemente composta por

mamíferos domésticos, como caprinos, gado bovino e porcos. Da mesma forma foi possível compreender que a atividade cinegética também desempenhou um papel importante na alimentação desta comunidade, havendo presença documentada de veados, javalis e coelhos-bravos, e que as aves também eram parte da dieta, sendo a galinha-doméstica e a perdiz as mais frequentes nas coleções faunísticas (Correia 2015b).

5. DISCUSSÃO

No que diz respeito à época romana, o contexto da rua Ivens, apesar da presença de alguns escassos materiais mais tardios em unidades estratigráficas específicas, é cronologicamente bastante coerente, situando-se em torno da segunda metade do século I e poderá enquadrar-se na expansão da cidade romana de *Ossonoba* na época flávia.

Com uma ocupação que remonta a vários séculos antes da chegada dos Romanos, provavelmente à época fenícia, o núcleo original da cidade situava-se na colina correspondente à zona amuralhada, conhecida como Vila-Adentro, que na altura era uma quase ilha entre os esteiros da ria Formosa. A sua implantação, recuada em relação à linha de costa, protegia-a dos perigos daí advindos ao mesmo tempo que assegurava a ligação direta ao mar através dos canais da ria, fazendo lembrar um pouco a posição favorável que Cícero, em *A República* (II, 3, 5), atribuiu a Roma como uma das causas do seu sucesso.

No início da nossa Era, com a *Pax romana* e consequente desenvolvimento do Ocidente Peninsular, a cidade romana de *Ossonoba* transpõe os limites da colina onde se desenvolveu o seu núcleo genético e estende-se pela zona ribeirinha, então ligeiramente mais recuada do que hoje. O espaço da atual rua Ivens, relativamente próximo daquele núcleo, enquadra-se nessa zona de expansão inicial, não muito longe do então limite da ria, o que se pode atestar pelo facto de os vestígios romanos aí identificados terem uma cronologia situada no século I da nossa Era. Esta área da cidade, que se encontrava fisicamente separada da colina da Vila-Adentro por uma linha de água/esteiro da ria, nunca deixou de ser habitada, ao contrário do que se verificou nas zonas mais afastadas do seu núcleo original.

No que diz respeito à malha urbana da cidade romana, com o seu crescimento as margens da ria, um pouco para Noroeste da rua Ivens, onde se localiza hoje a avenida da República, foram sendo gradualmente ocupadas até às imediações da atual estação do caminho de Ferro, e deram lugar a um bairro industrial marcado essencialmente pelas fábricas de preparados de peixe, das quais se conhecem já vários núcleos. Já numa segunda linha em relação à margem ribeirinha surgiu o bairro residencial sugerido por vários achados típicos destes contextos (Martins 2019: 50-52; Bernardes *et al.* 2020), onde se poderão agora integrar os achados da rua Ivens.

Com efeito, os recentes achados da rua Ivens denunciam a proximidade de um contexto de uma *domus*, integrada numa área reconhecida pela investigação arqueológica como residencial em virtude de serem aí frequentes os achados de restos de coluna, de mosaicos, de escultura e de outros elementos típicos das casas abastadas da cidade (Fig. 9). As casas aqui existentes, das quais só conhecemos poucos testemunhos fruto de achados ocasionais ou na sequência de obras que vão sendo realizadas no centro histórico da cidade, pertenceriam ao grupo social mais abastado da cidade ligado sobretudo ao comércio marítimo, revelado por uma abundante epigrafia funerária e votiva (Encarnação 1984: 39-81 = IRCP 01-36). A pequena área escavada na rua Ivens, ofereceu um espólio que se mostra relativamente bem enquadrado naquela área da cidade romana, tendo em conta o conhecimento disponível até ao momento, dotado de um conjunto de cerâmicas finas importadas e outros materiais do século I e II da nossa Era que remetem para atividades

de *otium* e não tanto de *negotium*, como é o caso do dado em osso recolhido no interior de uma canalização que escoava efluentes de uma dessas casas para a área ribeirinha.

Esta canalização correspondia ao escoamento ou cloaca dos efluentes de uma das *domus* daquela área residencial cujas ruínas se devem situar sob a atual rua Ivens ou sua imediata proximidade. O destino dos efluentes não seria aqui um problema dado a proximidade da zona ribeirinha, mais recuada que hoje e que durante a maré alta levava a água a penetrar bem dentro da cidade através de um conjunto de esteiros. Estes esteiros faziam com que a paisagem urbana não fosse contínua, mas entrecortada por linhas de água que de alguma forma facilitava o saneamento destas ricas casas.

O conjunto dos materiais romanos exumados deste contexto tem uma grande variedade e, como se disse, uma certa coerência cronológica em torno da segunda metade do século I e a primeira metade do II. Este período corresponde a um marcado desenvolvimento económico das províncias hispânicas e, consequentemente, do litoral algarvio, com particular destaque para as cidades de *Balsa* e de *Ossonoba* (Viegas 2011). Por sua vez, o estudo das faunas proporcionou uma compreensão abrangente da vida quotidiana, complementando a análise ceramológica e revelando hábitos alimentares, assim como práticas económicas e culturais que estão em plena concordância com o que se conhece para outros sítios na região.

Entre o espólio, para além do material cerâmico e das faunas, possuímos fragmentos de vidro, artefactos de osso, fragmentos de mármore de veios cinzentos,

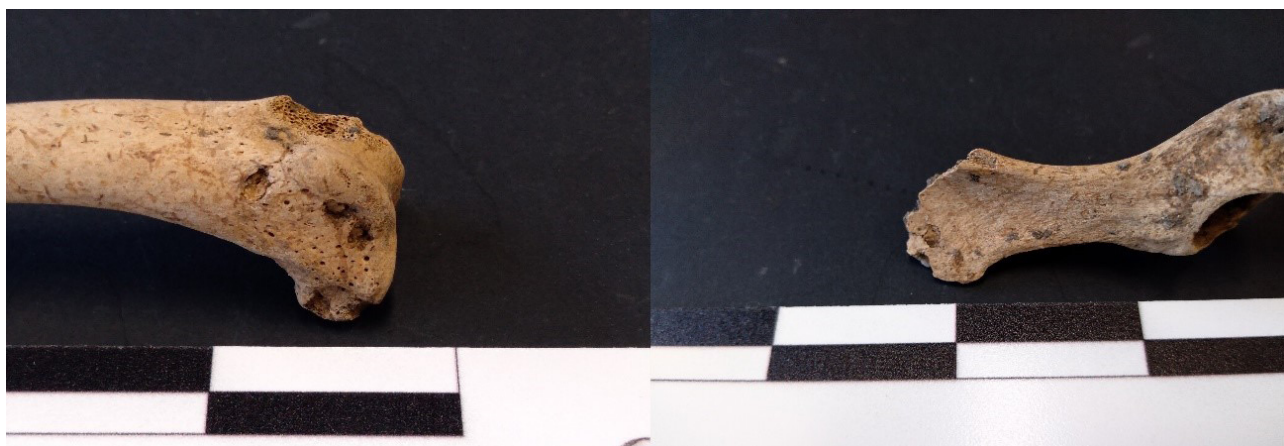


FIG. 9 Esquerda: Pélvis de cão com marcas de puncturas; Direita: Pélvis de cão parcialmente roída.

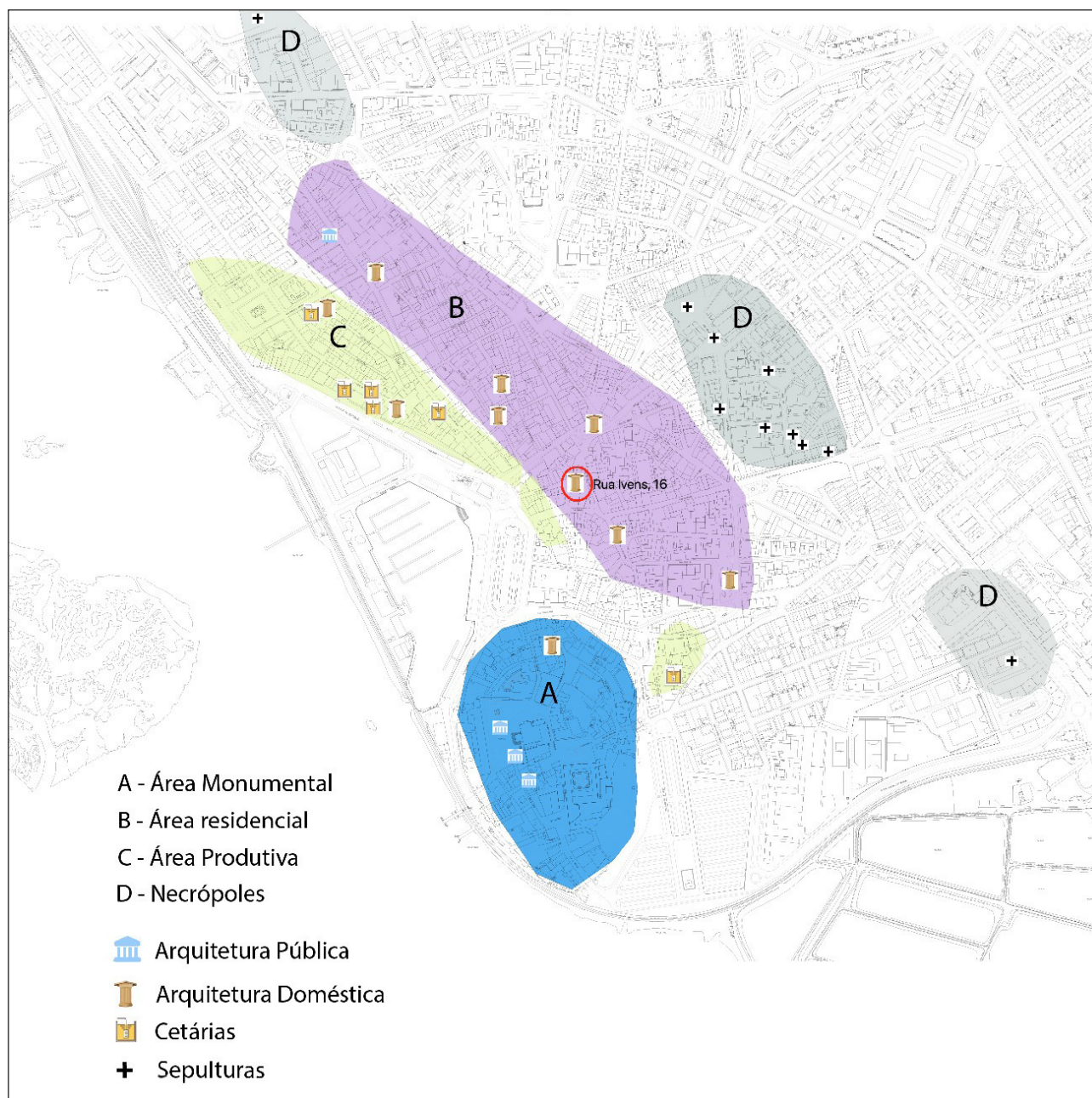


FIG. 10 As grandes áreas funcionais da cidade de *Ossonoba* com a localização do sítio em estudo.

a fazer lembrar o de algumas colunas da *villa* próxima de Milreu onde a qualidade dos seus mosaicos se alia a uma grande variedade de mármore (Lancha – Oliveira 2013: 133 e segs.), e *tesselae* de pavimentos de mosaico, eventualmente pertencentes à referida *domus*. As peças, apresentam na sua globalidade um índice de fragmentação bastante elevado, refletindo de certa forma a sua origem urbana num dos pontos mais centrais da cidade, o que dificulta, particularmente no caso dos vidros, a sua identificação tipológica. Alguns materiais, como a *terra sigillata* itálica com marca de oleiro em *planta pedis* da UE 119, marcam o

início do contexto ocupacional que se desenvolverá fundamentalmente durante o período flaviano onde se situam cronologicamente boa parte das cerâmicas finas, nomeadamente da *terra sigillata* sudgálica. Este período de forte dinamismo, que é comum a toda a *urbs ossonobensis*, prolonga-se pelos principais seguintes de Trajano e Adriano, a que algumas importações norte africanas, concretamente de *terra sigillata* clara A e de cerâmica de cozinha, se somam às importações, itálicas, gálicas e sobretudo béticas identificadas. Com efeito, como já foi bem notado para o caso das ânforas (Viegas 2011), a maior parte deste

tipo de contentores, tal como da cerâmica comum, mas também de cerâmica de mesa como as paredes finas, é oriunda da província vizinha. Aqui cabe destacar uma asa de Dressel 28 da área do Guadalquivir com a marca RVCA^LPF no arranque da asa de fita com 2 sulcos. Das cerâmicas locais/regionais o tipo de cerâmica que mais se destaca é a cerâmica cinzenta grosseira, sobretudo aplicada nas suas típicas formas de potes e de caçoilas de bordo escalonado já bem identificadas e caracterizadas nas cidades romanas algarvias (Viegas 2012).

A diversidade do espólio deste contexto da rua Ivens, sendo bastante homogéneo em termos cronológicos, é revelador da diversidade de contactos e do cosmopolitismo da cidade de *Ossonoba* nos períodos Flávio e Antonino. Esta diversidade e riqueza do espólio é, de resto, comum ao resto da Lusitânia do Sul que, sobretudo a partir do principado de Cláudio, após as campanhas da Mauritânia e da Britânia na década de 40 do século I, passou a estar bem inserida no tráfego marítimo entre o Atlântico e o Mediterrâneo, fazendo as suas cidades portuárias parte desse itinerário cada vez mais frequentado. É, aliás, a partir dessa altura e nas décadas seguintes, que *Ossonoba*, tal como a cidade vizinha de *Balsa*, assiste a um período de grande expansão e riqueza a que não é alheia a fixação de uma burguesia mercantil, sobretudo de libertos ligados ao comércio marítimo. O contexto da rua Ivens, e concretamente o espólio recolhido, estaria relacionado com uma *domus* desse período que ali se fixou a partir de meados do século I, ainda que a escassa área escavada não permita saber muito sobre a mesma. Constitui, porém, mais um elemento a juntar aos já identificados para afirmar a localização e os limites da área residencial *ossonobensis* sob a parte histórica da cidade atual localizada entre a frente ribeirinha e a grande necrópole que da Pontinha ia além do Lethes.

Bibliografia

- ANTUNES, M. T. - MOURER-CHAUVIRÉ, C. (1992) - The Roman site (2nd to 5th centuries A.D.) at Quinta do Marim near Olhão (Algarve, Portugal): Vertebrate faunas. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 375-382.
- ARRUDA, A. - M., VIEGAS, C. - BARGÃO, P. (2010) - A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. *Xelb* 10: 285-304.
- BARBOSA, L. (2021) - *A Cerâmica Utilitária dos níveis de abandono de uma oficina de salga em Ossonoba (Faro)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- BARONE, R. (2010) - Anatomie Comparée des mammifères domestiques. Tome 1 – Ostéologie. Paris.
- BERNARDES, J. P. (2021) - Urbanismo e arquiteturas da cidade de Ossonoba. *Anais do Município de Faro* XLII: 53-69.
- BERNARDES, J. P. - BOTELHO, P. - MARTINS, A. - SANTOS, F. (2020) - Ossonoba (Faro, Portugal). In PIZZO, A. (ed.) - *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*. Mérida: 227-232.
- BERNI MILLET, P. (2008) - Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis. Barcelona (Collecció Instrumenta, 29).
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) - *La Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita, Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte*. Mérida (Anejos de la AEspa LXV).
- COHEN, A. - SERJEANTSON D. (1996) - *A Manual for the Identification of Bird Bones from Archaeological Sites*. London.
- CORREIA, F. R. - BERNARDES, J. P. (no prelo) - Vinho de *Hispalis* em Ossonoba no século I d.C.? In *Atas do X Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 10- 12 de novembro). Silves.
- CORREIA, F. R. (2015a) - *O Castro da Columbeira (Bombarral): A Exploração dos Recursos Faunísticos no Calcolítico Estremenho*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- CORREIA, F. R. (2015b) - A Dieta Alimentar em Época Romana na Região do Algarve (Portugal): Estado Atual dos Conhecimentos. Poster apresentado no encontro *O Mundo Animal na Romanização da Península Ibérica*, Lisboa. Disponível online em: https://www.academia.edu/15714940/A_Dieta_Alimentar_em_%C3%89poca_Romana_na_Regi%C3%A3o_do_Algarve_Portugal_Estado_Actual_dos_Conhecimentos
- DANIAUX, T. (2022) - “*Hic perfidia uici ! Tricher aux jeux de dés à l'époque romaine*”. *Pallas* 119: 197-240.
- DAVIS, S. J. M. (2007) - *Mammal and bird remains from the Iron Age and Roman periods at Castro Marim* (Trabalhos do CIPA 107). Lisboa.
- DETRY, C. - ARRUDA, A. M. (2013) - A fauna da Idade do Ferro e da Época Romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3: 213-226.
- EHMIG, U. (2007) - *Die romischen Amphoren im Umland von Mainz*. (Frankfurter Archäologische Schriften 5). Wiesbaden: Reichert Verlag. T. 43.2320.
- FERNANDES E. (2018) - Fifth and sixth century African Red Slip and Late Roman C wares from Ossonoba (Faro, Algarve, Portugal): the assemblage from Horta da Misericórdia. *Journal of Roman Pottery Studies* 17: 93-109.
- FERNANDES, L. (2013) - *Tabuleiros de jogo inscritos na pedra – um roteiro lúdico português*. Lisboa.
- FERNANDES, P. V. - CORREIA, F. R. (2015) - Análise Zooarqueológica do Sítio da Alcaria das Choças (Castro Marim, Portugal). In *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche-Serpa: 921-931.

- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. - SILVA, R. C. - GARCÍA VARGAS, E. - GONÇALVES, A. (2019) - Los inicios de la ocupación romana de Lagos (Portugal) a partir de un contexto cerámico Julio-Claudio. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla* 28.2: 181-202.
- FRANCE, D. L. (2009) - Human and Nonhuman Bone Identification: A Color Atlas. Boca Raton.
- GARCÍA VARGAS, E. (2003) - Las producciones de la figlina: ánforas. In *Arqueología y rehabilitación en el Parlamento de Andalucía*. Sevilla: 200-219.
- GIRÓN ANGUIOZAR, L. (2017) - *La Cerámica Común romana en la Bahía Gaditana en Época romana: Alfarería y centros de producción*. Oxford (Archaeopress Roman Archaeology 21).
- GONZÁLEZ BLAS, A. (2022) - *Lucernas en Augusta Emerita. Análisis histórico-arqueológico de las producciones locales e importaciones*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Granada.
- GRELHA, D. (2013) - *A Ria de Alvor e a Exploração do seu Ecosistema desde a Pré-História até à Época Moderna: Estudo Zooarqueológico de Vila Velha*. Dissertação apresentada à Universidade do Algarve para obtenção do grau de Licenciado em Arqueologia.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman pottery*. London.
- HENRIQUES, F. - PRATAS, A. (2025) - Habitar no Cerro da Vila ao tempo dos romanos. Evidências materiais do quotidiano. In *Com os pés na terra e as mãos no mar. 6000 anos de história de Quarteira*. Loulé: 238-253.
- IRCP = Encarnação, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols.
- LANCHA, J. - OLIVEIRA, C. (2013) - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal / Corpus des mosaïques romaines du Portugal: II, Conventus pacensis 2, Algarve Este*. Faro.
- MARTINS, A. - PEREIRA C. (2022) - Lucernas romanas de *Ossonoba*: o conjunto da intervenção da Rua Infante D. Henrique n.º 58-60 (Faro, Portugal). *Portvgalia* 43: 133-166.
- MARTINS, A. (2019) - *Contributo para o estudo da cidade romana de Ossonoba: a terra sigillata da Rua Infante D. Henrique n.º 58-60*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Évora, 2 vols.
- Munsell Soil Color Charts* (2018), 2009 Year Revised. Grand Rapids. MI: Munsell Color.
- NEVES, J. (1981) - *Estudos Geográficos e Históricos sobre Faro e a formação lagunar do Sotavento Algarvio*. Torres Novas.
- NICHOLSON, R. (1993) - A Morphological Investigation of Burnt Animal Bone and an Evaluation of its Utility in Archaeology. *Journal of Archaeological Science* 20: 411-428.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa.
- OCK 589.2 - Samian research: Names on Terra Sigillata -Corpus Vasorum Arretinorum / OCK: https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm?fbclid=IwAR2YVoA0r5FFAzsAVfiGRkM_I0CK3ikQYXKvlfhKil3s4ECA17XeXK688Y. (26.09.2025).
- PASSELAC, M. e VERNHET, A. (1993) - Céramique sigillée sud-gauloise. In *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*. Lattes (Lattara, 6): 532-535.
- PAULA, M. R. - PAULA, F. (1993) - *Ossonoba, Santa Maria Ibn Harun, Faro, Evolução Urbana e Património*. Faro.
- PAULO, D. (1999/2000) - As sondagens arqueológicas realizadas na antiga Fábrica da cerveja - Faro. *Anais do Município de Faro* XXIX/XXX:16-85.
- PENN, T. - COURTS, S. (2022) - Lost and found: the object biographies of Roman gaming sets from the Western Provinces. *Pallas* 119: 241-262.
- PEREIRA, C. (2012) - Lucernas romanas de *Ossonoba* (Faro, Portugal). Um contexto ambíguo. *Habis* 43:119-147.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa.
- PINTO, I. V. (2006) - A cerâmica comum bética das villae romanas de São Cucufate: uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9.1: 167-184.
- PINTO, I. V. - MORAIS, R. (2007) - Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In LAGÓSTENA BARRIOS, L. - BERNAL CASASOLA, D. - ARÉVOLO, A. (eds.) - *CETARIAE 2005, salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Cadiz (BAR International series, 1686): 235-254.
- POLAK, M. (2000) - *South gaulish terra sigillata from Vechten*. Nijmegen (Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta; supplementum 9).
- PONTE, S. da (1986) - Jogos Romanos de Conímbriga. *Conimbriga* 25. Coimbra: 131-141.
- PRATAS, A. (2023) - *Os vertebrados do período romano do vicus maritimus do Cerro da Vila (Vilamoura, Loulé)*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Algarve.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002) - *Lucernas romanas del museo nacional de arte romano (Mérida)*. Mérida (Monografías Emeritenses - 7).
- SABIO GONZÁLEZ, R. (2017) - *Juegos y juguetes en Augusta Emerita*. Museo Nacional de Arte Romano. Mérida.
- SALDANHA, L. (1997) - Fauna Submarina Atlântica. Mem-Martins.
- SCHMID, E. (1992) - Atlas of Animal Bones. For Prehistorians, Archaeologists and Quaternary Geologists. Basileia.
- TEICHNER, F. (2008) - *Entre tierra y mar Zwischen Land und Meer*. (*Studia Lusitania*, n.º 3). Volume 2. Mérida: 239-244.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*. Barcelona.
- VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa.
- VIEGAS, C. (2012) - A cerâmica cinzenta grosseira do Algarve. In BERNAL CASASOLA, D. - RIBERA i LACOMBA, A. (coord.) - *Cerâmicas hispanorromanas II. Producciones regionales*. Cádiz: 681-697.
- VIEGAS, C. (2017) - Almofariz itálico Dramont D2. In CARVALHO, A. - PAULO, D. - de ALMEIDA, R. R. (coord.) - *Territórios, Memórias, Identidades. Catálogo da Exposição*. Lisboa: 383.
- VIEGAS, C. (2020) - Late republican and early Empire common ware in southern Lusitania (Algarve-Portugal): the italian imports. *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta*, 46: 129-138.
- VIEGAS, C. - BERNARDES, J. P. - ALMEIDA, R. (2022) - *Ossonoba*. In NOGALES BASARRATE, T. (ed.) - *Ciudades Romanas de Hispania II. Cities of Roman Hispania II*. Mérida: 431-442.

POLÍTICA EDITORIAL

Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converteu-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X). Em 2025, a revista deixou de ser publicada em formato impresso, passando a disponibilizar-se exclusivamente em versão digital, em acesso aberto, em <https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para resenha devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da resenha que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de resenhas espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e resenhas) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção

dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.orkund.com/pt-br/>). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

2) FRAUDE CIENTÍFICA:

A Revista Ophiussa procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS

a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;

b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;

c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.

d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

Política de preservação de arquivos digitais

A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.

Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Política de acesso aberto

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

A publicação de textos na Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Para mais informações contactar:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Objectives

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X). In 2025, the journal ceased to be published in print format and became available exclusively in digital, open-access form at <https://ophiussa.letras.ulisboa.pt>

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Periodicity

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

Journal sections

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista Ophiussa: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.

Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

Peer review process

Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.

All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

Publication ethics

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (<https://www.orkund.com/pt-br/>) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.

Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.

The following ethical principles will be considered:

1) RESPONSIBILITY:

Ophiussa through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

2) SCIENTIFIC FRAUD

Ophiussa will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

3) Editorial policy and procedures:

a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;

b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;

c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.

d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

Digital file preservation policy

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.

Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Open access policy

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. It follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

For more information contact:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

Origins of raw milk consumption in the Iberian Peninsula and Portuguese territory: archaeogenetics and zooarchaeology GONÇALO GARCEZ FERNANDES, MARIA JOÃO VALENTE, HUGO RAFAEL OLIVEIRA, MARIA JOÃO FERNANDES MARTINS	5
A estátua-menir 3 da Serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) ANDRÉ TOMÁS SANTOS, SÍLVIA LOUREIRO MENDES, DIOGO OLIVEIRA, DOMINGOS J. CRUZ	25
La estela de Villafranca de los Barros y su contexto en la arqueología de Tierra de Barros PABLO PANIEGO DÍAZ, LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, MARIO PIÑERO FERNÁNDEZ	43
Mértola en la Edad del Hierro: investigaciones arqueológicas entre Estácio da Veiga y la actualidad (1877-2024) PEDRO ALBUQUERQUE, FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ, JOÃO FONTE	67
O sítio arqueológico de Alto do Castelo (Alpiarça). Revisão arqueológica e novas leituras não intrusivas JOÃO PIMENTA, TIAGO DO PEREIRO, JOÃO FONTE	89
El proceso de extracción de cobre en el Cerro de los Almadenes. Nuevas hipótesis y replanteamientos a través de un estudio comparativo JUAN ÁLVAREZ GARCÍA, GONZALO LOZANO OTERO, MARIANO AYARZAGÜENA SANZ	121
A cidade romana de <i>Ossonoba</i> nos inícios da nossa Era: novos dados a partir da intervenção na rua Ivens, n.º 16 FRANCISCO ROSA CORREIA, ANA MARTIN, JOÃO PEDRO BERNARDES	145
Regressar ao túmulo: a primeira campanha do Projecto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut (G 2184, Guiza, Egipto) INÉS TORRES, LUIZA OSORIO G. SILVA, GUILHERME BORGES PIRES, MAARTEN PRAET, MOHAMED YOUSSEF SEDEK, MOHAMED KHALIFA, YASSER KAMAL HEFNI	165
The Writing of Archaeological Theory ARTUR RIBEIRO	187
<i>Res Naturae</i> . Archaeology in a posthuman Anthropocene and the archaeology of nature: a preliminary attempt MARA BEATRIZ AGOSTO	201
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JOÃO PIMENTA, ANTÓNIO CARVALHO, YUNA LE QUÉRÉ, AMÍLCAR GUERRA CARMEN RAMÍREZ CAÑAS, CRISTINA GAMEIRO)	221
Política editorial	239
Editorial policy	240